

## 2 - Fiat Lux !

*“Eu sei perfeitamente que neste momento o Universo inteiro está nos escutando e que cada palavra que dizemos ecoa na mais remota estrela”.*

A intuição do escritor Jean Giraudoux na peça “A Louca de Chaillot” tem relação com a concepção ocultista sobre a origem e a natureza da Criação. Segundo fontes esotéricas, o som foi o primeiro dado da realidade a sair da mente divina, antes mesmo da luz. Na concepção ocidental, menciona-se o Verbo. Este, como sinônimo de “palavra”, afinal vem a ser, também, som. E o vocábulo “verbo” designa ação.

Assim, o Criador entrou em ação por meio do Som, primeiro componente – chamado na linguagem do Ocultismo de “substância universal” – do que viria a ser o mundo material. A Luz vem em segundo lugar, sendo que, no Ocultismo, este termo não se refere propriamente à luminosidade física, e sim ao aparecimento de uma linguagem no Caos original, aquilo que existia antes de aparecer o Som. “Luz”, aí, significa “entendimento”: o Criador começando a expressar um significado inteligível da energia espiritual que existia em estado puro, bruto.

Com a criação, o Universo, que no início era Caos, torna-se uma linguagem, ou seja, Cosmos. Seus processos assumem um andamento e um rumo. Na linguagem da Física moderna, esse rumo é tema de estudos baseados na observação e interpretação do comportamento de objetos cósmicos extremamente distantes. Tais estudos parecem indicar que o universo tende para uma espécie de morte, com a progressiva redução de todos os seus processos, o que poderia simplificarmente ser chamado de “desgaste da energia universal” (entropia). Os físicos conhecem isto como “morte calórica do universo”: se ele for um sistema fechado, então está esfriando e vai esfriar até atingir uma espécie de extremo congelamento cósmico.

Mas não há prova de que o universo seja um sistema fechado. E no Ocultismo, sabe-se desde tempos imemoriais que o universo não é um só, mas uma sucessão de universos, cada qual vindo do anterior e abrindo-se para o seguinte. Ou seja: no Ocultismo, o universo é um sistema aberto no tempo.

No entendimento da Física, este roteiro carece de sentido, pelo menos do ponto de vista humano, não se conhecendo sua finalidade (“para que, por que?”). Mas para a Metafísica ocultista os processos e o rumo do Universo têm significação, sim, e esta é inteligível, podendo ser formulada na linguagem da ética humana (em termos que veremos adiante neste texto).

Em outras palavras: tanto para a Física moderna como para a Metafísica esotérica, o Universo pode ser entendido como a linguagem de um programa. E para o Ocultismo/Esoterismo, esse programa tem um sentido ético compatível com a necessidade e o interesse humano.

Todas estas palavras inspiram uma analogia entre as concepções do Ocultismo e os padrões da informática. Esta analogia leva a imaginar o Universo como sendo a *linguagem* de um magno *sistema* (o *hardware* máximo) onde está rodando o *programa*

da evolução (o máximo em *software*). Considerando-se que a Teosofia tradicionalmente se refere a cada grande etapa da história do universo como sendo um Sistema de Evolução, tem-se aí mais uma antiga expressão do Esoterismo (*sistema*) ampliando a coincidência com a moderna terminologia da informática.

O programador desse magno “computador” (o Universo) e também seu principal operador é a magna mente ou consciência que chamamos por muitos nomes. Um deles, o vocábulo *Deus*, ensejou um famoso trocadilho teosófico: *Deus = de + eus*. Decorre isto de que o sistema inclui um infinito de terminais ligados em rede. Cada um deles tem seu próprio operador, que vem a ser cada ente (ego) em ação no Universo, nos limites do alcance do programa e com a supervisão do programador. Quanto melhor o ente conhece o sistema e o programa, e quanto maior sua comunicação com o magno operador, mais proveito pode tirar para sua própria evolução, menos problemas chega a causar no sistema e mais ajuda lhe propicia. O ente é também um agente potencialmente capaz de, pelo carma e o *feedback* (ver abaixo), promover mudanças em aspectos fundamentais do próprio programa.

Mas qual seria a *base de dados*, quais as informações que o “supercomputador” processa?

Sobre isto, uma ideia expressa pelo ás da ficção científica, Isaac Azimov (1920-1992), no conto “Fiat Lux”, também reflete a fascinante proximidade entre a antiquíssima concepção ocultista do mundo e a moderníssima linguagem da informática.

No conto de Azimov, os passageiros de uma nave espacial da Terra estão admirando a visão do Espaço e indagam do computador de bordo se aquela maravilha vai acabar um dia. A máquina responde que sim, por causa do fim da entropia. A entropia pode ser definida como o nível de atividade no universo físico. O fim da entropia seria a morte do tempo e do espaço - portanto, do mundo dos fenômenos; da "realidade", enfim.

Desolados, os humanos querem saber como impedir isso. O computador responde que só revertendo-se a entropia. Mas como? Ele alega que os dados são insuficientes para uma resposta. Passam-se milhões de anos, o Universo vai envelhecendo. Ao longo das eras, os humanos nunca deixam de periodicamente perguntar ao Computador (cada vez mais aperfeiçoado) como reverter a entropia. Ele sempre retruca que os dados são insuficientes para um resposta.

Finalmente, com o Universo já quase inteiramente desativado, as duas últimas consciências humanas se encontram no que resta do Cosmos e interpelam o Computador Universal, versão evoluidíssima do primeiro da “espécie”. Já funciona por si mesmo, se auto programa e se auto aperfeiçoa, instalado no hiperespaço, isto é, feito de energia pura. Como reverter a entropia? Ele volta a alegar que os dados continuam insuficientes para uma resposta. Os dois últimos humanos o acusam de incompetência e manifestam sua indignação. Ele então promete continuar estudando o problema. Desaparece tudo e só resta o grande Computador dentro do Nada.

Há um lapso de não-tempo-não-espaço.

Encontrando a resposta, o Computador diz: “Fiat lux”. E o Cosmos desperta outra vez.

A bela alegoria de Azimov expressa a ideia de alternância entre a atividade e o repouso da Mente Universal com tudo o que por ela se cria. O conto utiliza uma metáfora da informática para falar da concepção ocultista formulada há milênios, de que o universo nasce, evolui e morre, sem que o programa da evolução acabe. O sistema simplesmente entra em repouso, e depois volta a funcionar, quando nasce um novo universo. E este começa utilizando o material recolhido no anterior, conservado e reprocessado durante o período de inatividade. Esta palavra, aliás, não é exata, já que durante o descanso o sistema não fica propriamente inativo. Nessa fase, as *informações* recolhidas em toda a experiência prévia vão constituir uma nova *programação*: vale dizer, são utilizadas para a *base de dados* da nova etapa da criação. Igualmente, a experiência prévia supre o material para uma nova *configuração* do sistema, e assim por diante.

A *base de dados* e seu processamento correspondem ao carma como desdobramento infinito das consequências da lei de causa-efeito-causa. Pela *retroalimentação* (*feedback*), produzem-se modificações no sistema e no programa por efeito de respostas à ação deles mesmos. O carma universal ramifica-se até ao nível do indivíduo, que por uma capilaridade de mão dupla liga-se tanto ao Cosmos como a cada partícula.

## A ONDA DE VIDA NO OCEANO SEM PRAIAS

Na linguagem própria do Ocultismo, não há como falar da origem e do funcionamento do Universo sem recorrer naturalmente à forte veia poética da Tradição.

O reservatório infinito de energia espiritual ainda sem forma e sem nexos é o Mar Sem Limites, o Oceano Sem Praias, o caldo de cultura da substância viva primordial, que tem na Tradição o nome de *akasha* (o 5º elemento). É a sua primeira configuração. O poeta Vinícius de Moraes (de propósito ou não) referiu-se a esse Oceano primordial quando, no poema “**O Dia da Criação**”, diz que “*a vida vem em ondas como o mar*”.

Giraudoux - citado aqui como um exemplo entre centenas - certamente sentiu o Cosmos do mesmo modo que os ocultistas; ou seja, tendo uma continuidade, uma contiguidade infinita onde todas as coisas se interligam – como na fluidez do mar. Einstein chamou o cosmos de “um contínuo espaço-tempo quadridimensional”. O *akasha* é um *continuum*, a unidade infinita. Nele se forma a Onda de Vida, que surge quando a mente universal (o Criador, o Logos, Deus) entra em ação.

Antes disso, o que a mente divina estava fazendo? A resposta, tendo a ver com a alternância entre programação (idealização ou ideação) e execução (criação), é surpreendentemente simples: descansando.

Segundo a filosofia hindu antiga, o Universo passa alternadamente por períodos de atividade e repouso. Quando uma Onda de Vida acaba de dar a volta ao Oceano Sem Praias, tendo provocado mil e um efeitos em todos os níveis, é porque se espraiou tanto – por assim dizer – que deixou de se comportar como onda. As águas do Mar sem Limites entram em repouso, com novas substâncias, novos ingredientes físicos e mentais dissolvidos (por assim dizer) nesse caldo, que assim vai-se enriquecendo. Tudo o que se criou nesse meio tempo cai em um período de repouso cósmico.

Na filosofia Sankya, dos antigos mestres do hinduísmo, a fase de atividade chamava-se *manvantara*; e a de repouso, *pralaya*. Há milênios os sábios hindus sabiam do que os europeus só vieram a descobrir há apenas alguns séculos: que os períodos de tempo, na escala cósmica, contam-se em bilhões de anos. Por exemplo: um dia de Brahma (divindade máxima do hinduísmo) compreende mais de quatro bilhões e trezentos milhões de anos solares (dos nossos). A noite de Brahma tem igual duração. Note-se a coincidência com a escala de tempo admitida pela ciência moderna como sendo a da idade da Terra, ou seja, cerca de cinco bilhões de anos.

Cada uma destas Ondas de Vida pode ser vista como uma Ronda da Evolução ou Cadeia Planetária. E cada Ronda percorre sete Globos ou Planetas. Um gráfico os mostraria dispostos em dois arcos (de três Planetas cada), um descendo, outro subindo, encontrando-se no ponto inferior, onde se situa o quarto Globo.

É neste quarto Globo que nós, humanos, estamos vivendo, daí ser o número quatro o número da Terra: quatro pontos cardeais, quatro dimensões (comprimento, largura, altura, tempo), quatro reinos da Natureza (mineral, vegetal, animal, hominal), quatro fases da Lua, quatro naipes do baralho, quatro animais da Esfinge (leão, águia, touro e homem) etc.

O planeta-sede da Evolução, antes da Terra, foi o que hoje é a Lua. Por isso a etapa precedente a esta é conhecida como Cadeia Lunar.

No antigo Planeta Lua, houve a evolução de seres que a Tradição chama de Pais lunares (“Pitris”, em sânscrito).

Entre as diversas formas de se contar a história, há uma que impressiona pela beleza poética.

Ao completarem seu trabalho evolucionar, os Pitris, junto com tudo o mais, adormeceram no pralaya. E sonharam. Seus sonhos foram povoados por *chayas*, sombras astrais ou etéreas (energéticas) deles mesmos, e que começaram a se perguntar: quem somos e o que estamos fazendo aqui? Com esta indagação teve início a nossa própria evolução: nós, humanos, somos os *chayas* no atual estágio da busca por sua origem e destino.

A filosofia arcana (ocultista) fica parecida com a Ciência moderna quando tampouco pretende conhecer o segredo de por quê tudo começou e como vai terminar. Isto é: a razão primeira das coisas, no início de tudo, e o final, na consumação do tempo e do espaço, não são objetos ao alcance do conhecimento humano. Os antigos sábios hindus chamavam de Tat (Aquilo, Aquele), o princípio criador. Nota-se a semelhança do

som desta palavra com a o inglês *that*, “que”, “aquilo” ou “aquele”, o mais indeterminado dos pronomes.

Mas, para o Ocultismo, é possível, sim, conhecer os valores humanos afinados com as grandes tendências da Evolução. O sentido geral da evolução vai da não-inteligência à inteligência, da violência à paz, da ignorância à a sabedoria e do ódio ao amor.

A Ciência moderna e a Ciência arcana querem e são capazes de, cada qual a seu modo, compreender como a Criação funciona. A Ciência arcana indaga e procura responder sobre mais: sobre o sentido, o direcionamento da Evolução, na escala de uma ética cósmica compreensível pela inteligência humana. Esta consiste, sinteticamente, na transformação constante de energia em consciência.

De certa maneira e até certo ponto, a Ciência moderna não deixa de lidar com estes conceitos, a seu próprio modo, quando a Astrofísica descreve o modelo da evolução de uma estrela como o nosso Sol. Uma massa de gás frio (hidrogênio), espalhada rarefeitamente em um colossal volume de espaço, vai-se condensando ao longo de bilhões de anos solares (uns poucos anos de Brahma) sob o efeito do seu próprio campo gravitacional, a princípio extremamente tênue. À medida que a nuvem se condensa, esquenta pelo atrito entre as moléculas, provocado pelo aumento da intensidade da gravitação. A massa de gás em condensação tende a formar um corpo esférico, com as camadas de cima pressionando as de baixo e fazendo a temperatura subir, até atingir milhões de graus no núcleo. Então, começa a reação termonuclear, liberando energia e fazendo aquele corpo acender-se como uma nova estrela. A luz, o calor e a radiação em geral propiciam a formação da cadeia dos elementos e dos processos de transformação que levam ao surgimento dos planetas e da vida nos seus mais diversos níveis e formas de elaboração. Chega-se eventualmente ao cérebro concreto e seu produto abstrato, a inteligência.

Eis um exemplo da direção do movimento cósmico: do potencial (gás frio, idéia sem forma) para a realização (estrela, ação, a Criação, o Logos).

A programação da evolução do Cosmos como um todo e do nosso mundo em particular foi decidida em conjunto pelos Sete Autogerados, Filhos do Eterno. Vale dizer, o programa evolucionar foi traçado por seres superiores (sagrados), daí seu caráter sacro com tudo o que contém, a começar pela própria Terra.

Tat (Aquilo ou Aquele) é chamado também de O Eterno, nome que sugere um anagrama (palavra criada pela troca na posição das letras de outra): Tat existe no éter (*eter no*), expressando-se como o Akasha, o Oceano Sem Praias. Visto como uma Pessoa, o Eterno tem Sete Filhos (autogerados e ao mesmo tempo projeções do pai). Estes recebem diferentes nomes nas várias linhas da Tradição: Luzeiros, Planetários, Arcanjos, Potestades, Maha-Chohans, Brumas Celestes, Ishwaras.

No princípio de tudo, os sete Planetários reuniram-se em assembleia e acertaram a Programação da Evolução, em sete etapas, sendo cada qual um Sistema de Evolução. Um por um, sucessivamente, cada Planetário assumiu a missão de, mergulhando no

Oceano Sem Praias, reger e coordenar a execução da Programação; isto é, ir acompanhando e inspirando a configuração e a operação do Sistema de Evolução que lhe correspondia.

Enquanto o Planetário da vez realizava (realiza) seu trabalho, os outros mantinham-se (mantêm-se) vigilantes na reserva, principalmente o da etapa a seguir. No Ocultismo, encontra-se desde a mais remota antiguidade a ideia moderna (essencial à informática) de que o jogo de ação-reação dentro do processo (*feed-back*, retroalimentação) vai modificando e ajustando o próprio processo.

Para se avançar na compreensão disto, pode-se recorrer a um jogo de palavras. No começo o que existe é um grande Ego, o Eu Universal, único e abrangente, abstrato, puramente espiritual. Ao se projetar no Akasha (o Mar Sem Limites), esse Ego supremo (que é a negação do “egoísmo” inferior, já que nele se encontra tudo) vai-se subdividindo, se multiplicando na infinidade de seres e coisas que aparecem. O Ego torna-se Geo (a Terra, o Mundo – por extensão, o Universo manifestado). Dentro em pouco, há uma infinidade de egos, um para cada ente, todos decorrentes do primordial, mas cada qual com sua ação própria. Instala-se então o processo de ação-reação, estímulo-resposta, informação - retro informação: em uma palavra, a gradual formação da inteligência.

Este processo é auto monitorado dentro do Sistema, sendo a auto monitoração chamada de Carma. O livre-arbítrio é a possibilidade acessível a cada ente, de interpretar a regra do jogo: portanto, um tipo de liberdade nos limites da programação, até porque, sem isto, não haveria regra, e sem regra não há jogo. O livre-arbítrio projeta-se da escala macro do universo para a escala micro de cada ser, sendo autolimitado e autocontrolado como o próprio Carma, do qual é um aspecto igualmente indispensável para que cada ser possa avançar na Evolução.

O direcionamento e a meta básica do programa são conhecidos, mas não se conhecem os pormenores de como o mesmo vai-se comportar para chegar lá, já que cada coisa ou ser participante torna-se um agente - seja grande, seja pequeno - de modificações. Conhecer ao máximo possível esses pormenores é o objetivo tanto da Ciência profana como da Ciência arcana, cada qual à sua maneira.

A execução da Programação que parte da ideia para a realização, é conhecida como Mergulho na Matéria. É o mergulho do Planetário (ou programador/maxi operador) de cada Sistema de Evolução, no Mar Sem Limites, o caldo de cultura onde vai-se produzindo a vida nas suas mais diversas formas: o Akasha, banco de dados do Universo, arquivo vivo universal. Daí o termo Universo: uno e diverso.

Sendo o quarto dos sete Globos da atual cadeia planetária ou Sistema de Evolução, a nossa Terra está no ponto mais baixo do arco descrito por Blavatsky, como já vimos. Em compensação, está também no início da subida evolucionar. Isto é: chegamos ao ponto mais fundo do mergulho na Matéria e vamos iniciando a nova ascensão do Espírito.

Na descida, fomos ganhando vivência, experiência, informação, tudo expressando-se em inteligência, livre-arbítrio e, portanto, carma – e o carma em si, no seu conjunto, não é bom nem mau, mas simplesmente neutro. Na subida, o programa tende a processar todos esses dados, pela vivenciação e a reflexão, transformando a experiência-informação-inteligência em sabedoria, que traz naturalmente o amor na escala macro, universal.

Este é (apresentado de forma esquemática) o sentido ético geral comum às filosofias inspiradas na Tradição Primordial ou Ciência das Idades. Esta, por sua vez, se originou da Religião-Ciência da Idade de Ouro da Atlântida.

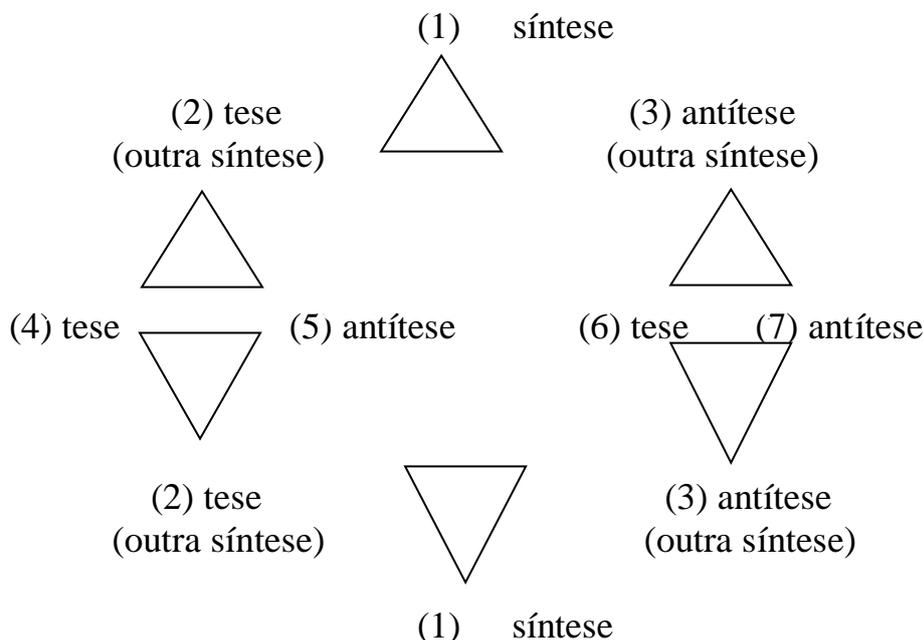
A religião-ciência formou-se durante a longa fase de equilíbrio do planeta como um todo, em todos os níveis (cósmico, magnético, ecológico, climático, psicológico, social, filosófico etc.), uns repercutindo sobre os outros. Esta situação será descrita no Capítulo 4 (“E Deus habitou entre nós”) do presente livro. Nela, a Terra era realmente sagrada, como queria Spinoza, a ponto de o maior dos arquétipos, o supremo modelo mental dos seres, Deus, estar presente na face da Terra e no meio da Humanidade de então. Na atual etapa do programa, há o esforço e a expectativa de serem recriadas, re-engenhadas, as condições para que isto volte a acontecer brevemente.

Hoje, a noção de Terras Sagradas corresponde a uma reminiscência ancestral daquela Idade de Ouro e se relaciona com partes da superfície da Terra ligadas à etapa atual do programa cósmico, naturalmente referenciada à etapa anterior. A existência desses lugares demonstra que continua sendo possível encontrar-se e realizar-se, no plano objetivo, a harmonia e a felicidade que existiram na Atlântida, de outra forma, pois a História não se repete (ou só se repete como farsa). Na Atlântida, e no estágio a que chegou aquela civilização, o abstrato se fez concreto: o maior dos arquétipos, Deus, esteve presente no mundo físico, fundindo o reino divino e o reino humano. Originou-se aí a mística do poder divino dos reis (que acabou por se autodestruir).

As Terras Sagradas podem, portanto ser vistas como sendo os locais onde está (ou esteve) ativada a busca da utopia da felicidade ao mesmo tempo transcendental e cotidiana, individual e social. A maior característica da Atlântida foi por certo a situação de completo equilíbrio ambiental, conforme já vimos e veremos mais ainda, adiante. Este equilíbrio abrigou e alimentou a natureza sacra daquelas regiões (abrangendo, na época, praticamente toda a superfície da Terra). Eram sete (cidades, cantões ou províncias), expressando a dinâmica setenária da Evolução, inaugurada pelos Sete Autogerados.

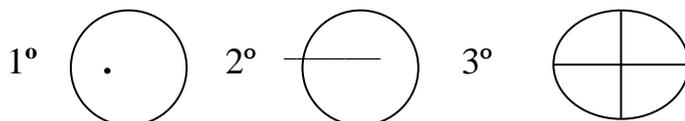
A dinâmica da dialética (no Ocultismo se diz *polaridade* ou *bipolaridade*) ajuda a compreender a simbologia do número 7 e a significação mágica que o mesmo assumiu universalmente. A referência ao 7 reflete e celebra o interminável desdobramento, no mundo manifestado (fenômenos e ideias articuladas), do processo racional descrito por Hegel: a fusão incessante de contrários - tese e antítese - numa categoria superior, a síntese. Assim: *tese* e *antítese* resolvem-se na *síntese*, somando três termos; a *síntese*, por sua vez, passa a ser uma nova *tese* que se confronta com uma outra *antítese*, gerando uma nova *síntese*. Somando-se os termos em itálico, chega-se ao nú-

mero 7, expressando o ritmo setenário da dialética (bipolaridade), que se multiplica ao infinito.



Aplicado ao infinito, esse processo, que deve ser “lido” de cima para baixo e de baixo para cima, lembrando a forma da pirâmide dupla, espelha a criação inumerável.

Encontra-se a mesma dinâmica na representação gráfica dos três grandes níveis da consciência do Logos Criador, tradicionalmente chamados de Primeiro Trono, Segundo Trono e Terceiro Trono. São graficamente representados assim:



Somando-se as divisões do espaço dentro dos círculos, contam-se também sete.

As concepções ocultistas da Evolução são basicamente setenárias: as idéias e as coisas agrupam-se em sucessivos conjuntos e múltiplos de sete, bem como em números formados pela repetição do algarismo 7 – como, por exemplo, na referência de que as encarnações a serem realizadas pelo indivíduo são 777. No plano da Evolução humana, são sete Raças-Mães (Raças-Raízes), com as seguintes subdivisões: sete Sub-raças, sete ramos raciais, sete famílias etc.

Para um bom ocultista, isto é bem mais do que apenas um exercício intelectual. Basta citar alguns exemplos definitivos: as sete notas musicais, as sete cores básicas, os sete dias da semana (do latim *septimana*, palavra derivada de *septe* = sete).

Não será por acaso que o mês lunar, isto é, o tempo levado pela Lua para orbitar a Terra, tem 28 dias, sendo 4 seu único divisor inteiro: 28 dividido por 4 = 7. Trata-se de uma expressão direta da dialética setenária da Evolução.

Quanto ao 1 e o 3, sua carga ideográfica aparece na conhecida sentença ocultista: “Deus existe como Um, manifesta-se como Três e se expressa como Sete”. Deus é Uno, Triplo e Sétuplo. Aí encontram-se: a suprema unidade de tudo, as trindades divinas, a urdidura genética (pai, mãe, filho) e a dialética. O número 137 é arquetipalmente o número de Deus.

Toda esta digressão serve aqui tão somente para estimular o entendimento de que, na Atlântida, fonte do conceito de Terras Sagradas, os valores da dialética transcendental estavam objetivamente realizados. Mas não se deve colocar em segundo plano a noção de transcendência.

O mistério da Criação, da Evolução e do Ser humano não cabe em esquemas. Mas os esquemas nos ajudam a ter em mente que existe uma Programação cósmica ainda impossível de ser plenamente acessada pela compreensão humana. Entre suas partes e aspectos mais compreensíveis estão as Terras Sagradas.